

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES(AS) INFANTIS POR MEIO DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Analúcia Morais Vieira¹
Núbia Silvia Guimarães Paiva²

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão acerca da linguagem cinematográfica como possibilidade de problematização de questões presentes na Educação de modo geral e na sala de aula em particular. Ele é resultado do projeto de extensão “A Formação Continuada de Educadores(as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica”³. Esse projeto possibilitou espaço e tempo de estudos, reflexões e debates com a sociedade, por meio da formação continuada de educadores(as) infantis do município de Uberlândia e região. Propusemos um espaço de discussão, vivência e reflexão de um trabalho marcado, essencialmente, pela valorização da arte cinematográfica. Arte esta tão pouco explorada pela educação, mas que tem um importante papel na construção das diferentes atividades socioculturais dos professores(as).

UNITERMOS: Formação docente. Cinema. Infância. Cultura.

Continuing education of children educators through cinematography languages: brief considerations

ABSTRACT: This paper presents a reflection about the cinematographic language as a possibility of equation of questions present in Education in general, and in classroom exclusive. This article is result of an extension project “A Formação Continuada de Educadores(as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica”⁴. This project provided space and time to studies, reflections and debates with society, through the continuing education of municipal and state children teachers. We have proposed a space for discussion, living experience and reflection of a job marked, essentially, by the valorization of cinematography art. This art is so little explored by education, although it has an important role in the construction of many social-cultural activities of the teachers.

KEYWORDS: Teacher formation. Cinema. Childhood. Culture.

Considerando a Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU) como um espaço não só de ensino, mas também de pesquisa e extensão, a área de Educação Infantil vem buscando compartilhar com a comunidade suas produções referentes ao trabalho com crianças na faixa etária de 4 a 6 anos. A Educação Infantil da ESEBA/UFU vem promovendo alguns projetos

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, professora na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (tutor3analucia@yahoo.com.br).

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, professora na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (nubiasgp@hotmail.com).

³ O projeto foi desenvolvido no período de dezembro de 2006 a junho de 2007, por meio de dez oficinas, com duração de quatro horas cada, e por duas palestras, de duas horas cada e foi realizado por profissionais que atuam no Grupo de Estudos da Infância da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (GEI/ESEBA/UFU).

⁴ This project that was developed in december of 2006 and july of 2007, it was developed in ten modules of four hours each, and in two lectures of two hours each, and was done by professionals that work at Grupo de Estudos da Infância da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (GEI/ESEBA/UFU).

de formação continuada, como, por exemplo, A Formação Continuada de Educadores Infantis pelo viés das Múltiplas Linguagens (2006), A Arte de Ser Professora de Educação Infantil e Séries Iniciais (2005). Além disso, o Grupo de Estudos da Infância (GEI) tem como prática o estudo e o debate de temas relativos à infância, como: gênero/sexualidade, infância/identidade, disciplina, formação docente, diversidade cultural, espaço escolar, raça/etnia.

Nesses estudos a relação cinema-educação se faz presente uma vez que pensamos a educação como algo muito maior do que aquilo que acontece nas nossas salas de aula e cinema como algo muito maior do que acontece na tela. Enfim, a relação educação-cinema, nos faz tematizar, por diferentes ângulos, questões da nossa realidade cotidiana.

Neste artigo, optamos por descrever brevemente, apenas o Projeto “A Formação Continuada de Educadores(as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica”. Com ele, buscamos integrar a discussão referente à linguagem cinematográfica a temas ligados à infância e à formação de professores que atuam com crianças entre 4 e 6 anos. Acreditamos que o cinema pode ser um riquíssimo material didático para uso do professor(a), mas, principalmente, pode levá-lo(a) a uma reflexão de sua própria formação e da prática pedagógica que desenvolve no cotidiano escolar.

A relevância do cinema na construção de uma subjetividade cultural é tão forte que, segundo Xavier (1983), a relação filme/expectador evidencia privilégio às tentativas de caracterizar, discutir, avaliar a experiência audiovisual oferecida pelo cinema que, com suas imagens e sons, torna-se atraente e legível, de modo que consegue a mobilização poderosa dos afetos e se afirma como instância de celebração de valores e reconhecimentos ideológicos nas pessoas.

Nesse contexto, segundo Duarte,

ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral dessas pessoas e contribui para distingui-las socialmente (DUARTE, 2002, p. 14).

Em concordância com Napolitano, acreditamos que

trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2003, p. 12).

e, além disso, possibilitar outra forma de debate, reflexão e aprendizado tanto para os alunos quanto para os professores.

Por isso, a compreensão da linguagem cinematográfica ajuda-nos na construção de um olhar para a nossa formação profissional e pessoal. E se nos constituímos professores e lidamos com crianças de 4

a 6 anos, logo o universo cinematográfico rege também o mundo infantil.

Giroux (2001), em seu texto “Os filmes da Disney são bons para os nossos filhos?”, explora e nos convida a refletir sobre as mensagens subliminares dos filmes produzidos pela Disney. Para ele, “dada a influência que a ideologia da Disney exerce nas crianças, é imperativo para os pais, professores e outros adultos entenderem como tais filmes atraem a atenção e burilam os valores das crianças que os vêem e os compram” (GIROUX, 2001, p. 94).

Muitos professores e crianças têm acesso a filmes através do cinema, da televisão e do DVD, no entanto, temos percebido que grande parte dessa linguagem ainda não é para todos, haja vista o alto custo de um ingresso de cinema, de um DVD e, ainda, a falta de tempo para apreciar a cultura cinematográfica. Em alguns trabalhos com professores e em pesquisas em escolas de educação infantil observamos que poucos são os alunos(as) que assistem a filmes que não são consagrados por Hollywood ou têm um olhar reflexivo para esses filmes. Muitos professores levam filmes para a sala de aula apenas como entretenimento das crianças pequenas sem uma seleção ou discussão a priori. Acreditamos que as crianças aprendem a partir da exposição às formas de cultura popular e estas proporcionam um novo registro cultural do que significa ser instruído. Portanto, é significativo que os(as) professores(as) estejam atentos a como os filmes e outras mídias visuais são usados e entendidos diferentemente por diversos grupos de crianças (GIROUX, 2001).

Acreditamos que o trabalho com filmes é um diferencial na ação pedagógica da escola, valorizando uma linguagem que, como analisa Duarte (2002, p. 89), “funciona como porta de acesso a conhecimentos e informações se não se esgotam neles”.

Os filmes apresentam-se para nós como instrumentos ricos para a reflexão e o debate de temas acerca da infância, tais como: gênero, violência, relação família e escola, inclusão/exclusão, espaço escolar, dentre outros assuntos constantes na escola, como também, possibilidade de trabalho pedagógico em sala de aula, além, é claro, do simples prazer de apreciar uma obra cinematográfica.

Por isso, retomar a discussão histórica acerca da infância e do nosso objetivo ao desenvolver o projeto “A Formação Continuada de Educadores(as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica” é relevante por acreditarmos que estamos contribuindo efetivamente com a formação continuada de profissionais que atuam na Educação Infantil.

Para melhor organização deste texto, optamos por dividi-lo em quatro partes. Na primeira, apresentamos as considerações iniciais sobre o tema e esclarecemos o objetivo do artigo e, ainda, tecemos algumas considerações sobre a importância da linguagem cinematográfica no universo infantil. Na segunda parte, fazemos uma revisão teórica sobre a infância e a educação infantil. A metodologia do curso é descrita na terceira parte. O resultado decorrente das discussões do grupo está na quarta parte. Por fim, são apresentadas as referências bibliográficas.

Infância: período rico de possibilidades

Na língua portuguesa, infância é definida como o período de crescimento que, no ser humano, vai do nascimento à puberdade, conforme Kuhlmann (1998). Ainda segundo o autor, a idade cronológica como fato biológico permite várias delimitações. Desse modo, infância possui um significado genérico. Assim como outras fases da vida, esse significado é influenciado pelas transformações sociais, econômicas e culturais⁵. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) destaca que criança é representada na faixa etária do nascimento aos 12 anos.

Já etimologicamente a palavra infância refere-se a limites estreitos, pois, oriunda do latim, significa “incapacidade de falar”. Segundo Ariès (1981), a criança permaneceu algum tempo esquecida ou negligenciada. Era vista como um adulto em miniatura, desprovida de direitos, apenas cumpridora de deveres. No entanto, as mudanças ocorridas na sociedade e, principalmente, no interior das famílias, alteraram o sentimento de infância⁶, já que a sociedade passou a se interessar e se responsabilizar por sua saúde, educação, higiene, atenção no sentido de preservá-la da corrupção dos adultos. Isso levou-nos a uma compreensão mais histórica, social, político-econômica, cultural e afetiva do contexto no qual a criança está inserida.

Entendemos a infância como uma etapa da vida que apresenta especificidades⁷, as quais devem ser respeitadas em todos os espaços, incluindo, aí, o ambiente da Educação Infantil. É um entendimento sustentado pela Constituição Federal (1988) como um direito da criança e dever do Estado e definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) como primeira etapa da Educação Básica que “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 2006).

Ressaltamos que a infância é um período rico de possibilidades de aprendizagem, modos peculiares de abordar e transformar objetos, fatos etc. E que, por conseguinte, a escola infantil é um espaço plural, inventivo, palco de encontro permanente das crianças com seus pares e parceiros mais experientes, locais de construção de conhecimento, de brincadeiras e vivências afetivas e culturais.

Crianças pensam, sentem, agem e se manifestam de forma muito própria; são sujeitos criativos, que indagam o mundo em que vivem, apresentam sua própria compreensão de mundo, são sujeitos produtores de cultura e história, ao mesmo tempo em que são constituídas pela história e cultura que lhe são contemporâneas. Entendemos que a criança é um ser integrado nas dimensões afetiva, cognitiva, social e motora, como já afirmava Wallon (1975) no início do século XX. E essas dimensões que constituem o sujeito/criança desenvolvem-se em interação com o meio, principalmente, com outros indivíduos.

A prática pedagógica deve, então, perceber a criança como criança, ou seja, como um ser que pertence a um contexto social, econômico e cultural, possuidora de uma história de vida e que apresenta várias

⁵ Ariès (1981), Kuhlmann (2004) e Freitas (2003) são alguns autores que temos como referência sobre a história social da criança.

⁶ Para Ariès (1991, p. 99), o sentimento de infância é a “consciência das particularidades infantis, particularidades estas que distinguem essencialmente a criança do adulto”. Esse sentimento teria se desenvolvido entre o século XV e XVIII.

⁷ Especificidades são as qualidades específicas de uma determinada espécie. Ao utilizarmos tal termo na discussão sobre a infância, queremos nos referir às características específicas dessa etapa da vida humana.

dimensões a serem desenvolvidas. Por isso, na Educação Infantil elas têm o direito de se desenvolver em um ambiente que valorize o mundo de fantasia, da brincadeira, do movimento, do lúdico.

Educação Infantil: a importância das linguagens

A Educação Infantil de qualidade, segundo Zabalza (1998), deve potencializar o desenvolvimento global da criança. Sampaio (2001) acrescenta que, quanto mais a pré-escola possibilitar à criança o acesso às diferentes linguagens postas no mundo, mais o seu universo cultural se ampliará. A função da educação infantil não é apenas dar continuidade à aprendizagem da linguagem escrita, que começa muito antes de a criança entrar na escola, mas sim

contribuir para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens utilizadas na sociedade, aprendendo a ler essas linguagens e a usá-las para se expressar - a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem televisiva, a linguagem cinematográfica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral e, por que não, a linguagem da informática (GARCIA, 2001, p. 19).

No desenho, por exemplo, a criança tem acesso à linguagem pictórica; ao cantar, entra em contato com a linguagem musical; ao modelar, pintar, recortar e colar, ela tem acesso à linguagem plástica; ao dançar, liberar seus movimentos e se expressar corporalmente, ela tem acesso à linguagem corporal; ao trocarem cartas com crianças de outras turmas estão apreendendo os sentidos da linguagem gráfica; ao assistirem a um filme, trazem sentimentos de afeição, aproximação, de fantasias de acordo com sua experiência cultural. Segundo Sampaio (2001), a Educação Infantil é, por excelência, o lugar de iniciação a essas linguagens. Portanto é relevante que a escola promova projetos em que, mesmo indiretamente, essas linguagens sejam propostas às crianças de forma significativa, ou seja, com atividades elucidativas, não vistas apenas como meramente técnicas ou passatempo. As crianças devem aprender a usar essas múltiplas linguagens na comunicação e inter-relação com o mundo.

Logo, corroborando com Garcia (2001) e Sampaio (2001) de que as várias linguagens são elementos constitutivos de novos saberes para as crianças, os(as) professores(as) que as acompanham necessitam de uma formação ampliada de seus conhecimentos, sua visão de mundo e de infância, entre outros. Nesse sentido, a formação do(a) educador(a) por meio da linguagem cinematográfica seria um espaço privilegiado para a ampliação e a discussão do seu repertório cultural diante de situações cotidianas vividas no contexto escolar.

É de longa data a discussão sobre a formação dos profissionais que atuam na Educação Infantil. Desde o início do século XX, estudiosos tem se debruçado sobre tal questão. Embora a trajetória de debate seja considerável, ainda há muito a ser feito.

A própria instituição de Educação Infantil somente a partir de 1988, com a Constituição Federal, é que passa a ser considerada como um direito das crianças e um dever do Estado. Também a LDB, de

1996, passa a integrar a Educação Infantil à Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental e Médio.

Assim, a Educação Infantil passa a ser considerada um nível de ensino (primeira etapa da Educação Básica) e isso implica consequências no perfil do profissional que atua nesse campo, como sustenta Nascimento (2000).

A inclusão das creches e pré-escolas no sistema educativo impulsiona, dentre outras coisas, o rompimento da compreensão de que a Educação Infantil seja mero espaço de guarda, enquanto as mães trabalham. Como consequência, essa inclusão rompeu também com a idéia de que, dessa forma, não seria necessária formação dos profissionais que atuam com a criança pequena. Segundo Monteiro (2004), a constituição social do perfil desses profissionais (imagem da mulher/mãe que cuida) está vinculada à história dessas instituições e acabou por se consolidar e imperar ainda nos dias de hoje

acredita-se na não necessidade de uma formação específica destes profissionais que contemplem as peculiaridades desse atendimento que envolve sim o cuidar, uma vez que se trata de criança pequena, mas também do educar, uma vez que essas mesmas crianças pequenas são seres em desenvolvimento, sujeitos em construção (MONTEIRO, 2004, p.3).

Por isso, hoje se torna um desafio promover a formação continuada desses profissionais em um município como Uberlândia que soma quase 12.000 crianças matriculadas na rede municipal de ensino e conta com cerca de 1.000 profissionais que atuam com a faixa etária de 0 a 6 anos⁸. No entanto, enfrentamos esse desafio e promovemos o projeto de extensão, por meio do curso “A Formação Continuada de Educadores(as) Infantis por meio da Linguagem Cinematográfica”.

Metodologia do Projeto

Pensando em um trabalho que abarcasse uma maior participação efetiva de professores(as) e abrangesse um maior número possível de escolas infantis, foram abertas trinta vagas, de forma que, de cada escola infantil, dois educadores pudessem se inscrever. Assim, participaram do projeto trinta (30) professores(as) das redes municipal e estadual de ensino em Uberlândia, atuantes na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Em nossa proposta para os encontros utilizamos algumas temáticas para fomentar as discussões, visando contemplar temas importantes e atuais na educação brasileira. Entendemos que as questões educacionais aparecem e são tratadas de forma dialética na escola e na sala de aula; no entanto, a divisão do curso em temas visou apenas dar uma organização pedagógica aos encontros e não fragmentou os estudos, uma vez que trocávamos experiências e discutíamos as idéias que os filmes exibidos suscitavam nos participantes.

⁸ Dados obtidos na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia.

A metodologia escolhida foi teórico-vivencial, cuidada por duas palestras: a de abertura, intitulada “Cinema e Educação”, ministrada pela Dra. Rosália Maria Duarte; a de encerramento, discutindo Cinema, Arte e Criança, conduzida pela Me. Yara Helena Magalhães. O curso contou, também, com dez oficinas, nas quais foram exibidos filmes seguidos por debates.

O trabalho foi desenvolvido no anfiteatro da própria ESEBA e no anfiteatro da biblioteca do Campus Santa Mônica, espaços fundamentais para a exibição dos filmes selecionados a partir das temáticas apresentadas.

Apesar de compreendermos que um filme possibilita diferentes interpretações e discussões, optamos, para a organização das oficinas, a seleção dos seguintes filmes:

	TEMÁTICA	FILME
1	Infância	A reinvenção da infância
2	Gênero	Kinsey: vamos falar sobre sexo?
3	Violência	O senhor das moscas
4	Formação de professores	O sorriso de Monalisa
5	Família	A corrente do bem
6	Inclusão e Exclusão	Shrek 2
7	Diversidade cultural	A festa de Babette
8	Raça e Etnia	Crash: no limite
9	Disciplina	The Wall (Pink Floyd)
		Meu mestre, minha Vida
10	Espaço Escolar	Nenhum a menos

Quadro 1: temática e filmes assistidos.

Acreditamos que os momentos vivenciados nas oficinas e nas palestras efetivaram-se como possibilidades de os participantes refletirem sobre sua prática a partir dos debates ocorridos após a exibição dos filmes. Isso posto que o grupo, constante em todos os encontros, demonstrou ao longo do trabalho uma relação multifacetada entre formação, educação e cinema. Os envolvidos com o projeto tiveram a oportunidade de refletir sobre seus saberes e fazeres de maneira muito dialogada.

As oficinas seguiam a seguinte linha de execução: uma dinâmica de abertura: pintura, desenho, fragmento de um texto, poesia articulada ao filme proposto; sinopse do filme. Após a exibição do filme, abríamos para o debate: O que lhe chamou a atenção no filme? Qual a relação do filme com sua prática de vida e de sala de aula? Ao garantir que todos falassem, trazíamos outras reflexões para a discussão. O encerramento era sempre seguido de uma tarefa para casa: sugestão de outro filme com a mesma temática, desafio de fazer algo com as crianças e jovens na linha do que foi conversado e socializado pelos participantes.

A cada encontro constatávamos a participação, cada vez mais atenta e sensível, às questões trazidas por meio dos filmes exibidos. Muitos relataram que desconheciam os filmes exibidos, não tinham o hábito de ir ao cinema e nem se interessavam em exibir filmes aos seus alunos. Claro que nosso

objetivo não era o de fomentar a exibição de filmes em sala de aula. Tratava-se muito mais de relacionar alguns filmes à reflexão, produção, construção e (re)significação de saberes, conhecimentos do qual a formação de educadores e a escola são parceiras.

Durante o desenvolvimento do projeto, realizamos com o Grupo de Estudos da Infância (GEI) e demais envolvidos reuniões mensais, promovendo, também, a formação dos profissionais gestores deste projeto. Dessa forma, concluímos que a educação e o cinema possuem vínculos indissociáveis, que configuram uma perspectiva plural, de pontos de vista diversos, de saberes diversos e de ampliação de culturas e sociedades diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a formação continuada por meio da linguagem cinematográfica, procuramos nos remeter para essa infância imersa num contexto sociocultural plural e, para isso, utilizamos os filmes como uma forma de apropriação e re-significação dessa cultura.

O Grupo de Estudos da Infância (GEI) conta com a participação de professoras da área do Ensino Infantil e Fundamental das redes municipal, estadual, federal e particular da cidade de Uberlândia. É um grupo que, em seus encontros quinzenais, debate sobre questões do cotidiano escolar, realizando dessa forma ações e reflexões sobre os saberes e práticas docentes. A formação continuada é um dos objetivos do grupo, pois que tal formação vem sendo compreendida pelos componentes do GEI como um processo contínuo, amplo, que envolve a história de vida de cada professor(a), a formação inicial e o próprio trabalho pedagógico que cada profissional desenvolve.

Nesse sentido, consideramos que as vivências culturais dos(as) professores(as) são experiências que intermedeiam e interligam todas as dimensões da formação e atuação docente, uma vez que a cultura relaciona-se com os modos de significar e atribuir sentidos para o vivido. Dessa forma, a contribuição da cultura cinematográfica para a compreensão dessa formação e prática é de grande significado e sentido.

A avaliação do projeto foi positiva tanto para o grupo de professores(as) envolvidos(as), quanto ao grupo que propôs o projeto, haja vista que foi oportunizado aos inscritos a chance de assistir e refletir sobre filmes jamais vistos antes.

Partimos da cena para a ação. Houve por parte do grupo um desejo de continuar estudando a linguagem cinematográfica como um elemento rico e aglutinador de possibilidades para o trabalho em sala de aula na Educação Infantil.

Através do projeto desenvolvido, criamos espaços de reflexões onde alternativas de trabalho no cotidiano escolar foram discutidas e refletidas. Viabilizamos um espaço de formação continuada e de troca de experiências, assim como contribuimos com a formação do grupo envolvido. Afinal, não há como desenvolvermos um trabalho de qualidade se não realizamos uma reflexão sobre nossa própria trajetória educares(as).

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREITAS, Marcos Cezar de. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

GARCIA, Regina Leite. Discutindo a escola pública de educação infantil: a reorganização curricular. In: GARCIA, Regina Leite (Org.) **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

GIROUX, H. A. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Org.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Lei 8069 de 13 de julho de 1990 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. In: KUHLMANN JR., Moysés. **Infância: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MONTEIRO, S. da S. Formação em contexto de profissionais da educação infantil: impasses e perspectivas. **Conhecimento local e conhecimento universal**. Curitiba: Endipe, 2004. 1 CD-ROM

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, M. E. P. Os profissionais da educação infantil e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: FARIA, A. L.; PALHARES, M. S. (Org.) **Educação infantil pós-LDB - rumos e desafios: polêmicas do nosso tempo**. São Paulo: Editora UFSC, 2000.

SAMPAIO, Carmen Sanches. Alfabetização na pré-escola. In: GARCIA, R. L. (Org.) **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2001.

XAVIER, Ismail (Org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983.

ZABALZA, Miguel, A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Estampa, 1975.

Submetido em 16 de dezembro de 2008

Aprovado em 09 de junho de 2009